

GARIMPANDO, ORGANIZANDO E DIVULGANDO A MEMÓRIA NO CEMEF: A IDENTIFICAÇÃO DE FOTOGRAFIAS EM FOCO.

Cássia Danielle Monteiro Dias Lima
Andrea Moreno
Miriam de Castro Possas

RESUMO

Este projeto de extensão existe desde 2007 e tem por objetivo garimpar, organizar, divulgar e disponibilizar a memória da Educação Física. O mesmo está integrado ao conjunto de atividades desenvolvidas pelo Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. O acervo desse Centro é sub-dividido em coleções. Desenvolvemos nosso trabalho com a Coleção Iconográfica, que é composta por mais de 2000 fotografias divididas em séries temáticas. Várias etapas constituem nosso trabalho, são elas: identificação, catalogação, digitalização, preservação e divulgação. Nossa ênfase, nesse texto, se dará no processo de identificação.

Palavras-chave: Memória; Imagem; Educação Física.

RESUMEN

Ese proyecto comenzó en 2007, su objetivo es recolectar, organizar, publicar y revelar la memoria de la educación física. Está integrado a las actividades del Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer de la “Universidade Federal de Minas Gerais”. El acervo de este Centro es subdividido en colecciones. Desarrollamos nuestro trabajo con la colección iconografía, que es compuesta por más de 2000 fotos divididas en series temáticas. Varios pasos componen nuestro trabajo, que son: identificación, catalogación, exploración, preservación y difusión. Nuestro énfasis, en el texto, se dará en el proceso de identificación.

Palavras-llave: memoria, imagen, educación física.

ABSTRACT

This extension project exist since 2007 and its goals are prospect, organize, publish and evaluate Physycal Education's memory. It is integrated into activities developed by the Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer of Universidade Federal de Minas Gerais. This center's pile is subdivided into collections. We work with the iconography collection, which is composed of more than 2000 photos, divided into thematic series. Our work is made in several steps, those are: identification, cataloging, digitization, preservation and dissemination. Our emphasis, in this text, will be in the process of identification.

Key words: Memory; Image; Physical Education.

Esse texto refere-se a um programa de pesquisa e extensão, em desenvolvimento desde 2007, que tem por objetivo garimpar, organizar, identificar, divulgar e disponibilizar a memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, especificamente

através das fotografias que compõem o acervo¹ do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF).

O Centro, localizado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), se estabelece como um lugar de recuperação, preservação, conservação e divulgação da memória da área da Educação Física: local de encontro entre a memória e a história. Constitui-se, então, como um espaço formativo e educativo, de reflexão da e sobre a Educação Física, e no qual o ensino, a pesquisa e a extensão são práticas que ali tomam lugar. Objetivando a realização destas tarefas o CEMEF reúne professores, pesquisadores e estudantes. Citando Manuel de Barros, podemos chamá-los de “escovadores de ossos” (CUNHA et al, 2006): sujeitos comprometidos em grafar, fotografar, registrar, fichar e recolher, como também em preservar, conservar, observar, estudar, analisar, interpretar, divulgar.

Como afirma Chagas (2006), em estudo feito à obra de Mario de Andrade, não há sentido para a preservação, tampouco trabalho preservacionista eficaz, se este não for acompanhado pelo trabalho educativo e pela participação. Para nós, este deve ser ainda multi e interdisciplinar, composto de diferentes e complementares saberes e práticas.

Atualmente o conjunto que compõe o acervo desse Centro abrange documentos diversificados – objetos tridimensionais, livros nacionais e estrangeiros, periódicos, atas, fichas biomédicas, fotografias etc. Chagas (2006) descreve o termo documento como algo que possui “o sentido de suporte de informação passível de crítica [...] fica claro que o conceito se aplica a uma carta, um livro anotado, um escultura, uma fotografia, um objeto de uso pessoal, um poema, um desenho e muito mais”. Assim, é do cuidado com esses documentos que o CEMEF tem se ocupado em seu acervo.

A maioria deles foi encontrada em depósitos, na Escola de Educação Física, e grande parte ainda passa por processos de identificação. Propusemo-nos, neste fazer, estar na contramão da idéia de celebração da novidade e no conseqüente descarte da memória. Localizamo-nos na valorização do que faz parte do nosso passado e que nos auxilia a compreender o presente, desnaturalizando-o. Somos cientes de que “guardamos do passado apenas cacos, vestígios, reminiscências” (CHAGAS, 2006), e que esses documentos nos trazem uma visão possível sobre determinados fatos, não nos contando a verdade sobre a história, mas sim, nos revelando uma versão verossímil (Lopes e Galvão, 2001), em outras palavras, sabemos que “[...] o antigo é útil e necessário, mas é preciso desconfiar do passado” (CHAGAS, 2006).

Na lida cotidiana com o acervo, temos que fazer escolhas e solucionar muitos problemas. Esse trabalho nos motiva a estabelecer muitas questões, buscando caminhos, retificando opções, aprendendo com a experiência: o quê e como preservar? Qual o melhor lugar para cada tipo de documento? Como e quando restaurar e higienizar os documentos? Entendemos, assim, que a forma de organização do acervo pode ser

¹ Em 2007 os membros do CEMEF organizaram um Guia de Fontes, relativo ao acervo existente. A elaboração desse Guia foi motivada pela necessidade de ordenar os documentos e facilitar a identificação dos mesmos. Assim o acervo foi sub-dividido em coleções, são elas: Coleção Geral (CG); Coleção Professores (CP); Coleção Institucional (CI); Coleção Periódicos e Revistas (CR); Coleção Teses, Dissertações e Monografias (CT); Coleção Iconográfica (Cic); Coleção Audiovisual (CA) e Coleção Tridimensional (CTr). Essas coleções, por sua vez, se desdobram em fundos, séries e sub-séries, de acordo com suas características e necessidades. Comportam, assim, uma intencionalidade que convida também a estabelecer elos e conexões entre os diferentes grupamentos (ROSA e LINHALES (orgs.), 2007).

compreendida como uma das dimensões da própria história, pois as escolhas feitas revelam nossas tendências e prioridades. Uma vez que, “a impossibilidade prática de preservar tudo nos coloca permanentemente diante da necessidade de realizar opções” (CUNHA et all, 2006).

Dedicando-nos mais especificamente à Coleção Iconográfica (Cic), que é composta por mais de 2000 fotografias², passamos primeiramente por um processo de organização e um primeiro movimento de catalogação do acervo. As fotografias possuem variadas dimensões que vão de 3cm x 4cm à 30cm x 40cm e abrangem o período que vai da década de 50 até aproximadamente a década de 90. Esta fase permitiu o arranjo em 20 séries temáticas de acordo com o contexto identificado, os quais têm originado séries e sub-séries.

A segunda fase do trabalho, que ainda está em andamento, é o processo de pesquisa sobre o conteúdo da fotografia. Embora algumas fotos tenham pequenos sinais de fungos, pequenas dobraduras ou rasgos, quase a totalidade do acervo está em boas condições, permitindo o reconhecimento e a identificação. Nessa fase, a maior preocupação era a de identificar o contexto e os personagens fotografados. Ressalta-se que esta organização, possível até o momento, é provisória, uma vez que a continuidade do processo de identificação, pode ainda dar pistas para outros temas, o que originaria outras séries/sub-séries, assim como alterações no número de fotografias em cada uma delas.

A recente produção do Guia de Fontes³, permitiu que a coleção recebesse uma enumeração, agora de acordo com a série e sub-série que compõem, o que facilita sua localização. Atualmente várias etapas constituem nosso trabalho com a coleção iconográfica, são elas: identificação, catalogação, digitalização, preservação e divulgação.

A Catalogação consiste em tornar a informação contida em cada fotografia mais clara para os pesquisadores. Com esse intuito elaboramos uma ficha de catalogação, que esclarece ao máximo os dados, do documento em questão, de forma a facilitar sua localização e estimular sua utilização.

Digitalizamos grande parte desse acervo, com intuito de disponibilizar o arquivo digitalizado e não mais a fotografia original. Esse procedimento é parte de nossa política de preservação e facilitação do acesso às fotografias, “insinuando que a razão da preservação não é o suporte material, mas a informação” (CHAGAS, 2006). Lembrando que não é proposta desse artigo “o debate em torno do falso e do verdadeiro, da réplica e do original, da imitação e do autêntico, do valor informativo e do valor aurático enquanto categorias definidoras do acervo museal” (CHAGAS, 2006).

Com o objetivo de divulgar o acervo, várias iniciativas têm sido desenvolvidas. Uma é a realização de exposições das fotografias⁴ do nosso acervo. Outra é a produção de

² Uma parte dessas fotografias veio do acervo da própria Escola de Educação Física e outra parte, ao que tudo indica, foi doada do acervo particular de ex-professores.

³ ROSA, Maria Cristina e LINHALES, Meily Assbú (orgs.). Guia de Fontes: acervo do Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer. Belo Horizonte: EEFETO – UFMG, 2007. 203 p.

⁴ A primeira exposição ocorreu no dia 23 de agosto de 2008, no Parque Municipal. Essa exposição integrava-se a outras atividades do evento *Ciência no Esporte*, organizado pelo Centro de Desenvolvimento da Cultura da UFMG. A segunda ocorreu durante todo o período de realização do V Seminário do CEMEF e II Encontro do GTT Memórias do CBCE, que aconteceu do dia 04 ao dia 06 de setembro de 2008.

material áudio-visual a partir do acervo iconográfico⁵. Essas atividades acabam por constituírem-se, igualmente, na produção da própria memória.

No que se refere ao trabalho de preservação, buscando qualificá-lo, estabelecemos contato com o Centro de Referência Audiovisual da Prefeitura de Belo Horizonte, que contém técnicas apuradas de higienização, conservação e identificação de documentos audiovisuais e iconográficos. Essa troca de experiência tem sido muito importante para ordenação e orientação do nosso trabalho, além de reforçar o caráter interdisciplinar desse fazer, única maneira de torná-lo mais efetivo. Todo esse processo é acompanhado da leitura de artigos, visando avançar na competência técnica que o trabalho exige, e também aprender a partir das experiências de outros acervos.

O processo de identificação é contínuo e sempre necessário. Muitas fotografias requerem diferentes identificadores. Longe de ser uma tarefa meramente técnica, é um procedimento que exige um vagar, uma vez que estamos instigando os sujeitos a resgatar, em sua memória, o contexto e os personagens daquela foto. Nessa fase temos contado com a colaboração de diversos ex-professores da Escola de Educação Física da UFMG, os quais, tendo sido testemunhas de muitas histórias, nos ajudam no reconhecimento do contexto fotografado. Esse trabalho é envolvido pela emoção da lembrança, pelas histórias singulares, pelas versões dadas a cada fragmento da memória. Como ressaltou Eclea Bosi (2003, p.15), “a memória de velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado”.

Segundo Eide Abreu (1998), a narrativa se difere da informação por produzir memória. No processo de identificação em curso, temos sido testemunhas desses momentos. Em recente episódio, no processo de identificação das fotografias, com um ex-professor da Escola, ao perceber que não se lembrava do contexto fotografado, telefonou a um colega, e juntos, começaram a relembrar acontecimentos ocorridos durante a graduação até o registro da foto. Assim, o processo de identificação se prontifica a recuperar a “partilha coletiva” da memória, tornando-se um aliado na recuperação da “figura do narrador”, que segundo Benjamim, se constituiu uma “raridade moderna” (BENJAMIM, 1989 apud ABREU, 1998).

Outro fator que torna esse procedimento essencial é a compreensão de que a fotografia por si só traz uma “descrição rasa” do contexto fotografado. Contudo, através da identificação podemos nos aproximar do “‘clima’ das situações vivenciadas nas cores que elas se apresentavam” (GODOLPHIM, 1995). Ainda, segundo Nuno Godolphim (1995), uma fotografia é um texto e “como toda manifestação comunicacional, tem uma linguagem própria”. Tendo em vista que, como ponderou Eclea Bosi (2003, p. 15), “a história que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se encontram atrás dos episódios”.

Assim, quando utilizada em textos, a fotografia, não deveria ter o caráter apenas ilustrativo,

“mas, sedimentar os alicerces do caminho da descrição interpretativa e auxiliar na articulação das tramas da indução, ajudar na compreensão das interpretações, e não apenas distrair a atenção do leitor entre o folhear das páginas. Nessa perspectiva, a

⁵ Em 2008 produzimos um vídeo em homenagem ao ex-professor Sylvio José Raso, relevando as ricas contribuições à Educação Física Brasileira.

imagem não meramente ilustra o texto, nem o texto apenas explica a imagem, ambos se complementam, concorrem para propiciar uma reflexão sobre os temas em questão”. (IDEM, p. 165)

Entendemos que a imagem pode se constituir em ferramenta de conhecimento e compreensão da história. Uma vez que a fotografia, pela sua própria natureza, possibilita uma percepção do mundo diferente daquela oferecida por outros suportes, dá acesso a informações que dificilmente poderiam ser obtidas por outros meios. Dessa forma, concebemos esse projeto como um grande aliado no desvelamento e, conseqüente, compreensão e divulgação da história da Educação Física. Como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade, “ainda é tempo de contar histórias e há muitas histórias a serem contadas”.

REFERÊNCIAS:

ABRÊU, Eide S. A. Walter Benjamin e o tempo da grande indústria. 1998. Disponível In: http://www.dhi.uem.br/publicacoes/dialogos/volume01/vol02_atg2.htm Acessado no dia 06 de março de 2009.

BOSI, Eclea. *O Tempo Vivo da Memória - Ensaio de Psicologia Social*. Ateliê Editorial, 2003.

CHAGAS, Mário. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006.

CUNHA, L. B. ; VIANA, J. A. ; ROSA, M. C. ; COSTA, M. G. ; LINHALES, M. A. ; FIGUEIREDO, P. K. ; PEREIRA, S. F. ; VAGO, T. M. . O Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer: um ponto de partida. In: X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança e do II Congresso Latinoamericano de História de la Educación Física, 2006, Curitiba. X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança e do II Congresso Latinoamericano de História de la Educación Física, 2006.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: Problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995

PEIXOTO, Ana M. C. A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação. In: FIGUEREDO, Betânia. G. VIDAL, Diana V. (Orgs). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2005.

POSSAS, Helga C. G. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEREDO, Betânia. G. VIDAL, Diana V. (Orgs). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2005.

ROSA, Maria Cristina e LINHALES, Meily Assbú (orgs.). Guia de Fontes: acervo do Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer. Belo Horizonte: EEFETO – UFMG, 2007. 203 p.

Endereço: Rua: Cústodio Carreira, nº 35. Apto 404, Cep: 30.480-060 Prado – Belo Horizonte/MG.

E-mail: cassiadanielle@oi.com.br

